

## Descolonizando o ensino de arquitetura: Perspectivas do Sul Global

### Fernanda Brito Bandeira

Doutoranda em Arquitetura, Tecnologia e Cidade  
Instituição: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Endereço: São Paulo, Brasil  
E-mail: [arqfernandabandeira@gmail.com](mailto:arqfernandabandeira@gmail.com)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8688-4369>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3480928778124557>

### Paulo Sergio Scarazzato

Doutor em Arquitetura e Urbanismo  
Instituição: Universidade de São Paulo (USP)  
Endereço: São Paulo, Brasil  
E-mail: [pasezato@usp.br](mailto:pasezato@usp.br)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1157-4072>  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2016980574229654>

### RESUMO

“*The Routledge Companion to Architectural Pedagogies of the Global South*”, livro editado por Harriss, Salama e Lara (2022), compila 34 capítulos em quatro seções, desafiando cânones arquitetônicos do Norte Global. Essa resenha crítica analisa o escrito que recentraliza pedagogias do Sul Global, promove vozes marginalizadas e temas como pós-colonialismo, justiça espacial e apartheid climático. A Seção 1 explora ferramentas teóricas para engajamento Sul-Sul/Norte-Sul; a Seção 2 questiona currículos importados, propondo cocriação comunitária; a Seção 3 destaca o caráter político da pedagogia; e a Seção 4 foca em hermenêuticas híbridas. Apesar da representatividade (52% mulheres, 28% negros/pardos) e variedade de perspectivas, ser publicado em inglês limita o acesso. A obra é essencial para descolonizar currículos e ressoar debates nas universidades. Recomenda-se para reformas pedagógicas inclusivas.

**Palavras-chave:** Pedagogias Inclusivas. Epistemologias Alternativas. Justiça Climática e Espacial.

### 1 INTRODUÇÃO

O ensino da arquitetura, caminho para a formação de profissionais capazes de intervirem no espaço construído de forma consciente, encontra no livro *The Routledge Companion to Architectural Pedagogies of the Global South*, uma contribuição fundamental para repensar os paradigmas dominantes. No contexto da Revista ReGeo, cuja missão interdisciplinar enfatiza a difusão de saberes em áreas como Ensino e Planejamento Urbano, as pedagogias do Sul Global apresentadas no livro oferecem contribuições cruciais para repensar o ensino de arquitetura como prática de inclusão e justiça espacial, alinhando-se às demandas por transformações socioculturais em contextos urbanos marcados por desigualdades históricas. Editado por Harriet Harriss, Ashraf M. Salama e Ane Gonzalez Lara e publicado em dezembro de 2022 pela Routledge,



o volume compila 34 capítulos<sup>1</sup> de mais de 50 autores de origens regionais, raciais, étnicas, de gênero e culturais diversas, refletindo uma tentativa de representatividade que, embora imperfeita (com a maioria 52% de mulheres, 28% de autores negros ou pardos e 6% queer), destaca vozes frequentemente marginalizadas e propõe uma revisão crítica dos currículos em escolas de arquitetura. Já o conceito de "Sul Global", presente no título do livro, transcende a mera delimitação geográfica, pois abrange países na África, América Latina, Ásia e Oceania marcados com o colonialismo, por desenvolvimento econômico tardio, desigualdades sociais e resistências políticas, culturais e epistemológicas ao Norte global<sup>23</sup>, promovendo uma identidade em construção que enfatiza produção de conhecimento plural e justiça global – um contraponto essencial aos modelos impostos que, historicamente, ignoram as especificidades locais e perpetuam assimetrias de poder. Os autores formam um mosaico interdisciplinar, incluindo arquitetos, antropólogos, educadores e ativistas como Ashraf Sami Abdalla (focado em arquitetura moderna egípcia e sua relação com a política), Xenia Adjoubei (pesquisa em diplomacia ambiental e justiça climática, com ênfase em migração e economias informais), Lindy Osborne Burton (influenciada pela segregação racial sul-africana, com sensibilidade a perspectivas indígenas e bem-estar mental), George J. Sefa Dei (estudioso da área do direito, educação antirracista e chefe tradicional em Gana), Macarena Gómez-Barris (autora sobre decolonialismo e perspectivas pós-colonialidade), e outros com trajetórias transnacionais que enriquecem o debate, tecendo uma rede de saberes interconectados que questionam a universalidade dos cânones ocidentais e seus padrões. O livro critica a imposição do uso de pedagogias coloniais e eurocentradas que ignoram contextos locais, e propõe uma transformação revolucionária ao confrontar conhecimentos marginalizados com os estabelecidos, explorando temas como tradição, identidade, pós-colonialismo, pobreza, migração, justiça espacial, *apartheid* climático e parcerias internacionais – temas que, enraizados em realidades concretas, convidam a uma reflexão sobre como o ensino de arquitetura pode se tornar instrumento de equidade social. A introdução, intitulada "*Collectivising the canon: perspectives and precedents on Global South pedagogies*", inicia enfatizando que descolonizar adiciona conhecimento sem cancelar o existente, mas questiona as ferramentas do "mestre", como se o currículo devesse ser reestruturado para abrigar pluralidades epistemológicas. Os editores admitem que colonos agem com "inocência" em suas posições privilegiadas, e reconhecem que perpetuam pedagogias imperialistas ao usar formatos acadêmicos ocidentais, e invocam uma crítica a culpa sedimentada sem renúncia de poder; eles

---

<sup>1</sup> É essencial destacar que alguns momentos os capítulos são referenciados como artigos, demonstrando que alguns textos podem ter um viés mais acadêmico do que prático, o que será confirmado mais na frente nessa resenha crítica.

<sup>2</sup> O conceito de Norte Global comumente abrange nações desenvolvidas da Europa Ocidental, América do Norte, Austrália, Japão e Nova Zelândia.

<sup>3</sup> "Norte Global: Refere-se às nações desenvolvidas, predominantemente localizadas no hemisfério norte, que são caracterizadas por economias avançadas, altos níveis de renda per capita e significativa influência nas instituições financeiras e políticas globais. O Norte Global é frequentemente contrastado com o Sul Global em discussões sobre desigualdade, desenvolvimento e relações internacionais". Fonte: Glossário de relações exteriores. Acesso em 22 de jul. de 2025. Disponível em: <https://relacoesexteriores.com.br/glossario/sul-global/>

posicionam o livro como evidência de que o pós-colonialismo é inabitável, pois defendem que é preciso enriquecer o ensino formal com material marginalizado e local para avançar o conhecimento, o que ecoa na necessidade de uma pedagogia que se adapte ao contexto em vez de impô-lo. Embora ambicioso, o livro foi editado e publicado no Norte Global, em seus capítulos revela assimetrias linguísticas e acadêmicas e possui apenas versão em língua inglesa, mas dá exemplos práticos de como descolonizar currículos, ao desestabilizar o que está posto rumo a práticas inclusivas, ressoando em diferentes níveis de debate – desde reformas curriculares em universidades do sul global, onde discussões sobre vernaculidade e inclusão ganham relevância, até reflexões globais sobre como o arquiteto pode intervir em contextos de desigualdade, inspirando ferramentas didáticas, como o jogos sérios de forma criativa e contextualizada, como exemplifica o capítulo 18.

## 2 SEÇÃO 1: TEORIAS, FERRAMENTAS E TERMOS DE DIÁLOGO

A Seção 1 desconstrói em nove capítulos as preocupações centrais da pedagogia no ensino da arquitetura, concentrando-se em abordagens contra hegemônicas que desafiam os padrões eurocêtricos, como se fossem estruturas conceituais que reconfiguram o debate sobre formação profissional.

Macarena Gómez-Barris, no Capítulo 1 ("*Somos Sur: Global South at the Center*"), critica o termo "Sul Global" como excedente a cartografias coloniais; exemplos culturais, como a canção "Somos Sur" de Ana Tijoux, ilustram solidariedades entre populações marginalizadas, incluindo indígenas, afrodescendentes e diásporas, destaca o potencial subversivo do conceito para mapear relações além de diferenças construídas, mas alerta para simplificações geográficas – uma reflexão que convida a reconsiderar como o ensino pode incorporar narrativas plurais em currículos tradicionais. Ashraf M. Salama, no Capítulo 2, "*Learning About and Learning From*", baseia-se em três décadas de pesquisa para rastrear raízes eurocêtricas e paradigmas de descolonização, critica atitudes orientalistas e defende o empoderamento contra a autoridade ocidental – uma abordagem prática, mas limitada por não aprofundar em exemplos locais<sup>4</sup>, apenas sugere a necessidade de integrar tais paradigmas em disciplinas práticas de projeto de arquitetura afim de uma formação mais contextualizada. Harriet Harriss e Naomi House, no Capítulo 3 ("*Auto-Pedagogies for Landscape Architecture*"), especulam uma auto pedagogia híbrida de auto-etnografia, auto-teoria, pós-humanismo, metodologias indígenas, feminismo e teoria queer, usando estudos de paisagem urbana para redefinir empatia e cuidado, contestando narrativas econômicas exploratórias; capítulo bem inovador na correlação de temas, mas arrisca abstração ao priorizar especulação sobre implementação concreta, convidando a uma reflexão sobre como a paisagem, reinterpretada por

---

<sup>4</sup> Ainda que o autor tenha outras publicações que aprofundem exemplos, como o livro "*Spatial Design Education: New Directions for Pedagogy in Architecture and Beyond*". Ver mais sobre arquitetura, urbanismo, cidades e pesquisas em pedagogias desenvolvidas por Ashraf M. Salama em: <https://www.ashrafsalamanet.net/>.



perspectivas marginais, pode enriquecer o repertório do arquiteto em formação. George J. Sefa Dei e Marycarmen Lara-Villanueva, no Capítulo 4 ("*Unveiling a Design of Erasure*"), dialogam contra eurocentrismo via prismas antirracistas e anticoloniais, questionando monumentos coloniais e narrativas espaciais ocidentais, pleiteando instituições pluri-epistêmicas<sup>5</sup> – o texto dos autores tem uma visão a partir da ótica do direito, expõem camadas de exclusão e discutem formas de conhecimentos múltiplos que poderiam transformar currículos. O brasileiro José Jorge de Carvalho, no Capítulo 5 ("*The Meeting of Knowledges in the Universities*"), advoga descolonização radical via projeto "Encontro de Saberes", que iniciou na Universidade de Brasília e já se expandiu para mais de 20 universidades no Brasil e no exterior, onde incorporou mestres tradicionais afro-brasileiros e indígenas como docentes temporários, na tentativa de sair de uma eurocentricidade para universidades pluri-epistêmicas; é um projeto transformador, mas depende de políticas institucionais voláteis, ressoando com debates brasileiros sobre inclusão epistemológica e sua aplicação no ensino. Esses capítulos iniciais estabelecem um arcabouço teórico que desafia o eurocentrismo, ao proporem ferramentas como o 'Encontro de Saberes' e críticas à eurocentricidade, lançam as bases para uma pedagogia descolonizada. Essa perspectiva é aprofundada nos capítulos seguintes, que exploram táticas práticas para a formação arquitetônica.

David Gloster, no Capítulo 6 ("*In the Public Interest*"), critica as atitudes colonialistas que impuseram modelos europeus (arquitetônicos e urbanos), na África Oriental pré-guerra, ignorando adequação cultural e ambiental, e propõe que projetos de infraestrutura modernos para o Sul Global, ao interagir dinamicamente com informalidades que podem oferecer lições subversivas para modelos éticos de educação e prática arquitetônica – uma análise incisiva que reforça a necessidade de projetos pensados para o local, embora pudesse explorar mais exemplos concretos de implementação política para fortalecer sua argumentação, convidando a repensar como tais lições podem ser integradas em disciplinas práticas de projeto. Hannah le Roux, no Capítulo 7 ("*Binding Freedom in A Dissertation, 1974*"), revisita a dissertação de Stanley Saitowitz, defendida na África do Sul como trabalho de conclusão de curso em arquitetura, que desafia qualificações profissionais sob domínio colonial, oferece táticas para descolonização curricular atual, e ressoa em conscientizações políticas e ecológicas dos anos 1960-70 – um eco histórico que enriquece o debate sobre currículos resistentes na formação do arquiteto. Adam Kaasa, no Capítulo 8 ("*Feeling Bodies of Architecture*"), propõe pedagogia via pensamento decolonial e queer, centrando o corpo como um emaranhado de sentimento e estrutura – sugere como o corpo pode ser eixo para repensar espaços inclusivos, conceitual e um estudo ainda abstrato para aplicação prática em arquitetura. Kiel Moe, no Capítulo 9 ("*The*

---

<sup>5</sup> “O pluralismo epistêmico refere-se ao reconhecimento de diferentes objetivos e resultados decorrentes de quadros epistêmicos distintos, permitindo uma variedade de tipos de conhecimento que abordam questões mais amplas de eficácia e impacto em contextos sociais”. Fonte: [https://www-sciencedirect-com.translate.google.com/topics/social-sciences/epistemic-pluralism?\\_x\\_tr\\_sl=en&\\_x\\_tr\\_tl=pt&\\_x\\_tr\\_hl=pt&\\_x\\_tr\\_pto=sge#:~:text=O%20pluralismo%20epist%C3%AAmico%20refere%2Dse,e%20impacto%20em%20contextos%20sociais](https://www-sciencedirect-com.translate.google.com/topics/social-sciences/epistemic-pluralism?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=sge#:~:text=O%20pluralismo%20epist%C3%AAmico%20refere%2Dse,e%20impacto%20em%20contextos%20sociais).



*Terrestrial Basis of the Seagram Building*), usa o edifício Seagram em Nova York para uma pedagogia composicional de materialidade, revelando migrações exploratórias de materiais do Sul para o Norte – foca excessivamente em ícones ocidentais, mas desvela fluxos materiais como vestígios de exploração global que devem ser confrontados no ensino.

### 3 SEÇÃO 2: DESAFIAR CÂNONES, CO-CRIAR CURRÍCULOS

A Seção 2, com sete capítulos, discute inadequações de currículos importados da Belas-Artes e da Bauhaus para o Sul Global, ao propor rupturas via práticas colaborativas que integram conhecimentos comunitários, abordando transposições culturais, trajetórias de arquitetos Sul-Norte-Sul, espaços sulistas no Norte e violências raciais – um chamado para cocriar currículos que multipliquem perspectivas marginais na formação profissional.

Johana Londoño, no Capítulo 10 ("*Global South*" *architecture in the north*), aborda a visibilidade latina em cidades dos EUA, focando em crises de bairros – potencial para justiça espacial, mas precisa de mais detalhes para crítica plena, destacando como espaços latinos resistem à marginalização urbana. Chin-Wei Chang, no Capítulo 11 (*China and the Bauhaus*), examina o encontro da China com o modernismo e o ensino da arquitetura por meio das carreiras do modernista Huang Zuoshen e do arquiteto historiador Liang Sicheng, influenciados pela Bauhaus e em resposta ao Belas-Artes, adaptando-se à reestruturação soviética de 1952 — uma análise que destaca transposições culturais, mas poderia dar um panorama sobre as implicações para currículos contemporâneos. Ashraf Sami Abdalla, no Capítulo 12 ("*Egyptian national modernism and Al-‘Imara Journal, 1939–1952*"), examina o modernismo nacional egípcio por meio da Revista Al-‘Imara (1939–1959), destacando sua campanha moderna influenciada pelo socialismo nos anos 1940-1950 e seu papel na disseminação de visões arquitetônicas locais, desafiando narrativas que limitam o modernismo ao colonialismo ou pós-colonialismo — uma análise que enriquece o entendimento de produções autônomas no Sul Global.

Namita Vijay Dharia, no Capítulo 13 (*Construction Site Pedagogies*), explora a construção informal na Índia, questionando individualismo arquitetônico via autoetnografia como mulher em posição de privilégio social (classe-casta dominante), inova ao destacar diferentes formas de aprender como o aprendizado não-cognitivo em canteiros e como informalidades destacam hierarquias em processos construtivos – o estudo se limita a contextos específicos de Nova Déli entre 2012 e 2013. O brasileiro, Fernando Luiz Lara, no Capítulo 14 (*Participatory Design in Latin America*), influenciado pela pedagogia do oprimido de Paulo Freire, discute ascensão do conceito de projeto participativo na América Latina, contra urbanização rápida, desde 1950, mas destaca coletivos recentes como instrumental para pedagogia do século XXI – o texto é bem fundamento, mas idealiza Paulo Freire, sem confrontar falhas práticas de sua teoria, coloca a pedagogia da opressão como estrutura a ser desmontada pela participação coletiva. Natalia Solano-



Meza, no Capítulo 15 (*Pedagogic Practices at the University of Costa Rica*), examina trocas no ensino de arquitetura na Universidad de Costa Rica nos anos 1970, usando pensamento pós-colonial para traçar narrativas sobre progresso, análise de espaços e histórias em disciplinas práticas de projeto, refletindo desafios atuais – apesar de focado mais no contexto histórico, o texto é perspicaz ao evitar comparações e focar em explorar a potência que há no multiculturalismo. Huda Tayob, no Capítulo 16 (*Race, Space and Architecture*), usa a escrita decolonial e pós-colonialista de Edouard Glissant<sup>6</sup> a partir de uma visão feminista para deslocar tipologias espaciais via textos, discussões e representações disruptivas, enfatizando descolonização como algo que perturba o colonizador, mas necessária ao colonizado – a escrita da autora é metodologicamente inclusiva e convida o leitor a repensar espaços como arenas de disputa racial.

#### 4 SEÇÃO 3: O PEDAGÓGICO É POLÍTICO<sup>7</sup>

A Seção 3 explora em nove capítulos as dimensões políticas da pedagogia, incluindo barreiras legais, homogeneização e importações culturais, propondo ações insurgentes – um território onde o âmbito político revela as estruturas de poder na educação arquitetônica.

Cathi Ho Schar, no Capítulo 17 ("*A Culturally Competent Design Framework: Decolonizing prison design in Hawaii*"), desenvolve uma estrutura cultural para planejamento correcional no Havaí, usando ferramentas locais e comunitárias contra super-representação de nativos havaianos – transformadora, mas novos tipos de negócios podem subestimar reformas sistêmicas, questionando como designs culturais podem desafiar instituições coloniais. Kirsten Dörmann *et al.*, no Capítulo 18 ("*Streetwise Six’: Gaming as a learning platform in Johannesburg*"), usam jogo de tabuleiro pop-up para visualizar histórias locais em Rosettenville, facilitando engajamento comunitário pós-apartheid – pedagógica decolonizante, mas avalia potencial sem métricas de impacto longo-prazo, destacando ruas como arenas de conhecimento local. Michele Gorman *et al.*, no Capítulo 19 ("*The Radically Inclusive Studio*"), analisam webinars durante a pandemia de 2020 via estrutura inclusiva, para currículos adaptáveis – feminista e colaborativa, autoetnográfica, evocando uma rede de inclusão Norte-Sul na formação.

Smita Khan, no Capítulo 20 ("*Appreciative Inquiry – Environment Behaviour Studies as a core course for South Asia*"), implementa curso de Estudos de Comportamento e Ambiente (Environment-Behavior Studies - EBS) na Índia com inquérito apreciativo para sensibilidade humana, enfatizando inter-relações comunitárias – qualitativa e etnográfica, convidando a integrar estudos comportamentais em currículos arquitetônicos. Yashaen Luckan, no Capítulo 21 ("*Recognition of Prior Learning to Address*

---

<sup>6</sup>A escrita de Édouard Glissant explora a poética da relação, enfatizando a identidade creolizada, o entrelaçamento cultural e a resistência às narrativas coloniais por meio de uma visão plural e dinâmica do mundo. Édouard Glissant (nascido em 21 de setembro de 1928, Le Lamentin, Martinica — falecido em 3 de fevereiro de 2011, Paris, França) foi um poeta e romancista de língua francesa que se dedicava a promover uma cultura africana livre de influências coloniais.

<sup>7</sup>No original "The pedagogical is political".



Spatial Transformation in South Africa"), válida Reconhecimento de Aprendizagem Prévia (recognition of prior learning - RPL) como inclusivo para comunidades marginalizadas, definindo modelo com garantia de qualidade assegurado (quality-assured), mas depende de amostras, revelando caminhos para transformações espaciais pós-apartheid. Beatriz Maturana e Anthony McInnery, no Capítulo 22 ("Chile 2017–2019: Interventions in Public Space: protest, practice and pedagogy"), analisam jornais estudantis durante Estallido Social (durante a Explosão Social), priorizando engajamento local sobre princípios institucionais – político, mas impactado por violência urbana, como protestos reconfigurando espaços públicos.

Brian McGrath, no Capítulo 23 ("Crypto-colonialism and the internationalization of architectural education"), examina a Universidade de Chulalongkorn contra o neocolonialismo, reconhecendo conhecimentos transversais – entrelaçado, desvelando cripto-estruturas coloniais na internacionalização. Nabil Mohareb e Ghina Yamak, no Capítulo 24 ("The Design-Build Approach – Addressing Four Community Challenges in Tripoli, Lebanon"), discutem Projeto-Construção (design-build - DB) em Beirut Arab University (BAUP). Mark R.O. Olweny, no Capítulo 25 ("Questioning conventions of Western architectural pedagogy in East Africa"), invoca tradições inventadas para disrupturas na África Oriental – questionador, convida a desestabilizar convenções ocidentais na África. Crítica: seção revela pedagogia como ato político, mas poderia confrontar mais diretamente poderes de mercado, como o político deve permear o formativo para equidade.

## 5 SEÇÃO 4: HERMENÊUTICAS HÍBRIDAS<sup>8</sup>

A Seção 4, com nove capítulos, captura alternativas hermenêuticas a abordagens pedagógicas estabelecidas, de zonas de conflito resistentes a sobreposições políticas a comunidades diaspóricas contestando o colonialismo via afrosurrealismo – um híbrido que gera interpretações multifacetadas na formação arquitetônica.

Nasser Golzari, Murray Fraser e Yara Sharif, no Capítulo 26 ("Learning By Praxis: Rethinking architectural pedagogy through hybrid cross-cultural design research"), advogam pedagogias híbridas para trocas culturais igualitárias Leste/Oeste e Sul/Norte, combinando aprendizado em ação (learning-in-action) e design research em contextos como Cisjordânia e África do Norte – inclusiva e sugere práxis como eixo formativo. Cruz Garcia e Nathalie Frankowski, no Capítulo 27 ("Loudreading' Post-Colonial Pedagogies in the Caribbean and Beyond"), propõem um modelo de leitores em voz alta (loudreaders) inspirado em fábricas caribenhas, descentrando eurocentrismo via redes anticoloniais durante a pandemia e o movimento Black Lives Matter<sup>9</sup> – radical, como vozes coletivas reconfigurando epistemes. Karine Dupre, no Capítulo

---

<sup>8</sup> No original Hybrid Hermeneutics.

<sup>9</sup> O movimento "Vidas Negras Importam" (Black Lives Matter - BLM) é uma iniciativa global que combate o racismo estrutural e a violência contra pessoas negras, com foco particular na repressão policial. Originado nos Estados Unidos, o BLM expandiu-se rapidamente, mobilizando protestos e ações em diversos países, promovendo a luta por justiça racial e igualdade. Para saber



28 ("International experiments in the Australian architecture curriculum: An educator's perspective"), revela ausência de uma conexão direta entre origens culturais de educadores e localização de experimentos internacionais, criticando internacionalização orientada pelo mercado.

Anna Grichting, no Capítulo 29 ("Educational Frameworks for Designing Regenerative Food Systems in the Arabian Gulf: The case of Qatar"), descreve cursos na Qatar University centrados em urbanismo alimentar em regiões desérticas, integrando sustentabilidade e a inter-relação entre alimentação, água e energia – profundamente enraizados no contexto local, mas resultados como "campus comestível" demandam avaliação de longo prazo, promovendo a regeneração como princípio pedagógico. Patricia Guaita *et al.*, no Capítulo 30 ("“El Pórtico de los Huéspedes”: Exploring other ways of building at the Open City in Valparaiso, Chile"), analisam a prática construtiva na Cidade Aberta, colaborando entre Suíça e Chile em construções resilientes de tecnologia simples, concentra-se na técnica construtiva sem aprofundar os impactos culturais, promovendo a construção como ato formativo. No Capítulo 31 ("Reflections on Community-Based Participatory Research Techniques in Global Planning and Design Courses in Zambia"), usam a participação colaborativa da comunidade (Community-Based Participatory Research - CBPR) em estúdios Zambia/Uganda, minimizando assimetrias de poder, destacando pesquisa participativa como ferramenta inclusiva.

Nelson Mota e Dick van Gameren, no Capítulo 32 ("Dwelling Beyond Cultural Differences: Architectural education for peripheral urbanization in Bangladesh, Ethiopia and India"), analisam estúdios de habitação via urbanização periférica sob a ótica da antropóloga Brasileira Teresa Caldeira, negociando conhecimentos indígenas e urbanização planetária, sugerindo habitação como locus de negociação epistemológica. Alejandro Haiek e Xenia Adjoubei, no Capítulo 33 ("Pedagogies that guarantee change: Live project classrooms in Venezuela and Latin America"), descrevem metodologia Lab.Pro.Fab para infraestrutura real e rituais culturais na Venezuela – resiliente, convida projetos vivos como catalisadores sociais. Jeffrey Hogrefe e Scott Ruff, no Capítulo 34 ("Creative practices in Afrosurrealism within a North American context"), propõem currículo afrosurrealista para manifestar histórias apagadas – radical, mas pulverização digital pode desafiar estudantes de grupos étnicos minoritários (BIPOC - Black, Indigenous and Peoples of Color), no Norte, repondo surrealismo como ferramenta decolonial.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alinhada ao escopo interdisciplinar da Revista ReGeo, que promove a difusão de conhecimento em áreas como Ensino, Planejamento Urbano e Ciências Ambientais, a obra inspira reformas curriculares que integram saberes do Sul Global, catalisando práticas pedagógicas que respondem às demandas por equidade e sustentabilidade em contextos urbanos e educacionais diversos. A resenha crítica de The Routledge



Companion to Architectural Pedagogies of the Global South revela um compêndio robusto e multifacetado que desafia os paradigmas eurocêtricos do ensino de arquitetura, propondo uma reconfiguração curricular que amplifica vozes e saberes do Sul Global. A Seção 1 estabelece um arcabouço teórico sólido, delineando ferramentas conceituais que contestam binarismos Norte-Sul, mas poderia explorar mais diálogos inter-Sul, como trocas entre contextos africanos, latino-americanos e asiáticos, para evitar reduções dicotômicas e promover uma pedagogia mais equânime. A Seção 2, por sua vez, questiona currículos importados, como os modelos da Belas Artes e Bauhaus, frequentemente inadequados ao Sul Global, e propõe práticas colaborativas que integram saberes comunitários, abordando modernidade, identidades diaspóricas, justiça espacial e violências raciais; no entanto, carece de maior ênfase em interseções inter-Sul para fortalecer a cocriação curricular e evitar a relação nós contra eles (nós do Sul Global contra eles do Norte Global). A Seção 3 destaca o caráter político da pedagogia, propondo ações insurgentes contra barreiras legais e homogeneização cultural, mas sentimos falta de um maior confronto com os poderes de mercado que moldam a educação, a partir de princípios como capitalismo e globalização. A Seção 4, com suas hermenêuticas híbridas, oferece interpretações inovadoras que fundem tradições vernaculares e modernas, embora a dependência de plataformas digitais e a fragmentação interseccional possam limitar sua aplicabilidade. Em conjunto, o livro contesta o discurso eurocentrado por meio de temas emergentes: critica a violência linguística do inglês como comando colonial, defende linguagens plurais; questiona a academia alinhada ao capitalismo global, propondo desaprendizagem e colaboração; resiste a universalismos que distorcem especificidades locais; destaca a indigeneidade invisível e narrativas múltiplas; promove pluralidade contra padrões uniformes, integrando gênero, raça e classe; enfatiza práticas construtivas para contestar poder; prioriza pedagogias participativas, ecoando Freire; advoga pedagogias dissidentes inspiradas em movimentos sociais; explora pedagogias diaspóricas que descentram a branquidade; contesta o Sul Global como categoria provisória, sugerindo ecologias periféricas; e clama por justiça bibliográfica, citando Caldeira<sup>10</sup>, Glissant e outros para currículos antirracistas. Inspirando-se nessas perspectivas, a obra ressoa em trabalhos como a tese do qual esse texto se origina, de desenvolver ferramentas didáticas, como o jogo sério, que fomentam a aquisição de repertório técnico e criativo, adaptado a contextos locais. Contudo, a dependência de narrativas em inglês e a volatilidade de engajamentos públicos, como plataformas digitais ou políticas institucionais, restringem o acesso e a implementação em contextos como o brasileiro. Recomenda-se o livro para reformas curriculares, onde debates sobre vernaculidade e inclusão podem catalisar transformações éticas, alinhando a formação do arquiteto à essência da arquitetura como intervenção equânime no mundo habitado.

---

<sup>10</sup> [https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa\\_Caldeira](https://pt.wikipedia.org/wiki/Teresa_Caldeira)



## REFERÊNCIAS

HARRISS, Harriet; SALAMA, Ashraf M.; LARA, Ane Gonzalez (Ed.). *The Routledge Companion to Architectural Pedagogies of the Global South*. Taylor & Francis, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9781003018841>.